

A mensagem dos astros: aspectos comunicacionais de astrologia

Aluizio Ramos Trinta

A maior parte das publicações periódicas contemporâneas, sobretudo as que circulam nos grandes centros urbanos, incluem uma seção astrológica. A voga da consulta astral recrudescceu nos últimos decênios, chegando, em nossas sociedades afluentes, a infiltrar-se nos diferentes *media*. Há assim uma estação de TV que, em seu telejornal do início da tarde, intercala previsões astrológicas à narração de notícias e variedades. O *design* dos signos zodiacais é cuidado, moderno e sublinhado por uma música barroca, com dicção (feminina) exaltante e sedutora.

Dir-se-ia pelo horário na programação da TV, seja pela importância de sua seção em publicações dirigidas à mulher, que a astrologia é uma linguagem “feminina” e “doméstica”. Tal é a conclusão de R. Barthes (1957)¹. Constituiria, além disso, um mercado cativo, pois há uma indústria de objetos de uso pessoal que levam o signo da portadora. É a opinião de J. Maître (1966)². Ocorre, porém, que o consumo do horóscopo é generalizado e comum a todas as classes sociais. A mensagem astrológica dirige-se a um consumidor – o receptor necessário. Por sua vez, a personalidade do redator (o emissor) é comumente escamoteada (embora nem sempre apócrifa) e sua assinatura, um pseudônimo. É, portanto, a mensagem que importa e o leitor/ouvinte projeta no texto suas características e preocupações, dando um conteúdo determinado a frases objetivamente vagas.

Da mensagem

Como se lê a mensagem astrológica? A maioria das seções apresenta o horóscopo sob a forma de um quadro, que permite uma identificação (paradigmática) e uma leitura (sintagmática). De alto a baixo são colocados os 12 signos do zodíaco; da esquerda para a direita figuram “domínios de preocupação” (i.é, suas categorias pertinentes), tais como *saúde, finanças, amor, trabalho* etc. vistos, porém, sob seus aspectos aleatórios. Três ou quatro frases simples, indicativas e de caráter ora prudente, ora euforizante, evidenciam que esta modalidade de discurso obedece a um molde de leitura simples e de imediato entendimento², evitando-se o jargão astrológico esotérico.

O discurso astrológico impressiona por seu caráter eufemístico, parecendo nutrir-se de antigas superstições e tabus lingüísticos: nada deve ser evocado por seu verdadeiro nome. Enquanto mensagem, tal discurso se acomoda habilmente aos desejos, expectativas e necessidades de seus receptores. O aconselhamento astrológico oferecido por jornais e revistas aos leitores é de natureza moral e prática. O leitor sempre espera que o astrólogo possa ajudá-lo, aguardando a resposta suficiente do oráculo zodiacal. Se o astrólogo não conhece as pessoas para as quais escreve, a autoridade que lhe confere o seu discurso obriga-o a atuar como se as conhecesse uma a uma. Donde locuções e estereótipos rígidos, do tipo “siga sua inspiração” ou “ponha em prática sua inteligência”, que fortalecem, no leitor, a impressão de que sua individualidade é reconhecida. A pseudo-individualização do receptor é obtida quando as determinações dos astros, aparentemente específicas, se mantêm em um âmbito de generalidade, parecendo sempre referir-se a todos e a todo instante. Isto significa que o redator de astrologia – nem sempre astrólogo profissional – deve estar familiarizado com os conflitos típicos da sociedade de seu tempo. Pode assim construir uma série de situações normais, pelas quais possa passar a maioria de seus leitores, referindo-se, porém, a problemas cuja solução se ache fora do alcance das forças pessoais do leitor. Este deve ser persuadido a procurar ajuda exterior, mormente em questões para as quais o uso da razão não seja condição suficiente. Por fim, o tom vago de suas afirmações deve permitir que, mesmo em caso de engano, o desmentido não seja categórico, de acordo com o sistema de referências habituais de seus supostos leitores/ouvintes ou consulentes.

O homem moderno assimila, portanto, da grande imprensa, informações que não pode comprovar, contentando-se em consumir de modo acrítico.

Não busca tampouco legitimá-las ante a razão, referindo apenas às suas necessidades psicológicas para justificar seu apreço pelo ocultismo comercializado. É difícil determinar quais são os efeitos que uma coluna astrológica provoca na vida psicossocial dos seus leitores³. Mas os responsáveis por tais colunas parecem proceder segundo a máxima comercial de que é sempre necessário agradar aos clientes, sob pena de perdê-los. É esta estratégia que leva o redator de astrologia a reproduzir, para melhor identificação, o ambiente comum das vivências quotidianas dos leitores-consultentes⁴. *Pessoal* é a parte reservada à vida íntima e aos humores individuais; *trabalho* refere-se à vida profissional, mais descrita em sua rotina do que predita em suas possibilidades reais. Sob a rubrica *amor* figuram as peripécias sentimentais, prometendo-se um encontro, carta ou telefonema e recomendando-se princípios escritos de comportamento moral: coragem, paciência, devoção e autocontrole. É a compensação imaginária: recorre-se à conjuntura astral para dar lastro e credibilidade a exortações benévolas e inócuas, senão sumamente triviais. Ajudado pelos prognósticos do destino, o leitor-consultente pode renunciar a toda consciência, confirmando-se à fraqueza do próprio *eu* e sua impotência social real.

A mensagem da astrologia veiculada é um puro reflexo da realidade empírica, embora se esforce em simular a transcendência. O suposto poder de influência dos astros é o complemento necessário de sua distância intransponível. A mensagem de valor mágico independe de toda confirmação empírica.

Do código e sua história

Desde épocas perdidas no tempo, do Egito e da Mesopotâmia à Roma Imperial, costumavam os soberanos consultar oráculos, buscando auspícios. Da forma grega *mantiké*, derivada de *mania* (“delírio” e, por extensão, “revelação mágica”), formou-se a latina *divinatio*, isto é, um conhecimento sobrenatural do futuro, pela consulta a adivinhos, magos e profetas – que eram magistrados e, portanto, funcionários do Estado.

Importação oriental na Grécia antiga, as práticas astrológicas constituíam uma modalidade de predição oracular, um prognóstico do destino respaldado em uma forma corrente de misticismo astral. A astrologia é resultante da combinação de elementos simples e constitutiva de um sistema classificatório. Estabelece-se, assim, uma correspondência entre situações e acontecimentos no destino dos indivíduos e configurações precisas de elementos dados como significantes. O material divinatório é a relação de unidades de signi-

ficação por cuja via o oculto nos fala. O destino aqui se exprime na razão direta do uso de técnicas de construção, que produzem o inefável.

Datando do século II, o *Tétrabiblos* do astrônomo grego Ptolomeu é a forma canônica da antiga tradição astrológica, além da fonte de consulta básica para a compreensão de seu desenvolvimento posterior. A astrologia surgiu da observação e da interpretação de prodígios celestes (eclipses, cometas, movimentos estelares, etc.), suscitando, porém, um terror supersticioso em relação ao suposto poder dos astros. *Horóscopo* significa, em grego antigo, *hora scopéo* (lat. *Horae inspectio*), isto é, a “observação da hora do nascimento”. Trata-se, portanto, de elaborar um mapa astral, buscando o astrólogo reconstituir a conjuntura celeste na hora precisa do nascimento de seu consulente. São exigidas a hora, o dia, o mês e o ano, bem como a latitude e a longitude do local de nascimento. Tais elementos permitem ao astrólogo cálculos geométricos, cuja finalidade é determinar “o que o céu deu a cada um na hora em que respirou pela primeira vez”.

Uma carta zodiacal consiste fundamentalmente de duas partes. Um anel externo mostra a posição dos signos do zodíaco na data do nascimento; um círculo interno divide-se em 12 *casas* retangulares, representando cada uma aspectos diferentes da vida no mundo: a primeira é a da personalidade; a segunda se refere à independência financeira; a terceira, à mente, etc. As posições relativas dos signos do zodíaco e as dos planetas afetam, portanto, as *casas*. Da mesma forma, os ângulos existentes entre as posições planetárias (ou *aspectos*) são unidades significantes. As características de um planeta podem influir em outro quando estão em *conjunção*, isto é, num ângulo de aproximadamente 10 graus. Assim também representam um obstáculo a superar quando se encontram em ângulo reto (*quadratura*), bem como anunciam insucessos quando em *oposição*, isto é, 180 graus em pontos opostos do anel zodiacal.

A relação dos planetas (*planeta* significa, em grego “passeador”) com os deuses da mitologia antiga e facilmente inferida de uma observação de sua aparência e seus movimentos. A cor avermelhada de Marte foi associada ao deus da guerra; os movimentos rápidos de Mercúrio em torno do Sol retomam simbolicamente a atividade do mensageiro dos deuses. Júpiter, por seu tamanho e intenso brilho, sugere o poder do deus dos deuses; Vênus, o belo planeta do fim das tardes, inspira contemplação e encanto, em referência à deusa do amor. Os 12 signos foram identificados a seres específicos: *zodiakos kiklos* quer dizer “círculo de animais”, donde zodíaco. Chama-se assim a esfera celestial em cujo interior dos movimentos do Sol, da Lua e dos planetas são

significativos. Os signos receberam seus nomes de 12 diferentes constelações: Áries, Touro, Gêmeos, Câncer, etc. O postulado básico e explicativo da constituição deste código é o que o mundo se mostra como um organismo, cujas partes são estreitamente solidárias. O homem – um *microcosmo* – sofre influências do *cosmo*, cuja marcha se inscreve no curso dos astros. O destino de cada ser humano, seu caráter e sua vida acham-se ligados a configurações celestes, cujas emanções são tidas como significativas e determinantes.

A astrologia preditiva, a exemplo de outras práticas mânticas e esotéricas, conhece grande voga em tempos de incerteza, desencanto, confusão de valores e declínio espiritual. É uma das conclusões de Ch. Mackay (1879)⁵. À época da decadência de Roma eram muitos os astrólogos praticantes. Condenada pela Igreja, durante a Idade Média, a astrologia despencou na Renascença, quando o profeta Nostradamus recebeu a proteção de Catarina de Médicis. Os séculos XVI e XVII, em uma Europa devastada por pragas, conheceram adivinhos de toda espécie, alguns dos quais alquimistas, como Paracelso. O cientificismo do século XIX permitiu um retorno às prédicas astrológicas, o mesmo sucedendo com boa parte do mundo ocidental no período compreendido pelas duas guerras mundiais. Ainda hoje, por um complexo de razões que será preciso determinar, a astrologia – ou seu aproveitamento comercial – é um empreendimento próspero⁶.

Na poesia épica antiga, os adivinhos interpretaram prodígios; na vida cotidiana, contentavam-se com signos (gr. *seméia*) –, isto é, fenômenos naturais que eram tidos como manifestação da vontade dos deuses, segundo um simbolismo ou linguagem convencional cuja gramática somente eles conheciam. Na interação código/mensagem da astrologia ativa-se hoje um vocabulário de sintagmas simples (combinação de substantivo e adjetivo), tais como “aspectos favoráveis”, “força mental”, “vibrações astrais”, “fluidos positivos” e outros, tão sugestivos quanto duvidosos no que respeita às suas referências. É o impacto certo da magia verbal.

Do emissor: o astrólogo

Da parte dos astrólogos há sempre a negativa de que a astrologia seja uma forma de adivinhação, pois afirmam que o horóscopo apenas assinala “aspectos favorecidos”. Não é determinista ou fatalista, pois os astros dispõem – e não impõem. Muitos astrólogos creem em suas práticas e, não raro, sua experiência com os problemas humanos, sua sensibilidade e sua intuição acabam

por conferir alguma validade aos seus vaticínios. “O bom adivinho é um homem hábil em fazer conjecturas”, escreveu Eurípedes, sugerindo que a adivinhação indutiva depende menos de uma revelação divina do que dos recursos de uma inteligência astuciosa e sutil. É também fato conhecido que os grandes astrólogos são hábeis retores e, quando interrogados, costumam refugiar-se em uma terminologia hermética e inexpugnável ao assalto da razão.

Real ou fictício, ao astrólogo-emissor é atribuída uma autoridade mágica. Desde os primeiros tempos, a primeira resposta do homem às frustrações causadas pela realidade é de ordem mágica. Tal é, por exemplo, a função social do xamã nas tribos arcaicas: agente de uma intervenção mágica, restabelece o domínio dos homens sobre situações de sua vida social que provoquem angústia e temor. O discurso mágico é eficaz sempre que o azar e a necessidade, o combate entre a esperança e o medo ocupam o prosclênio da vida psicossocial do homem. A palavra do astrólogo tem portanto, propósito conjurador e incantatório. Entidade providencial, o astrólogo é um mago, cujas profecias e ditos oraculares destinam uma carga mística de “energia simpática” ao consulente. Este fato simples poderá explicar a onipresença da presciência astral e sua veiculação nas sociedades modernas, bem como seu valor como forma de comunicação.

Se a astrologia fosse uma ciência aplicada, bastaria empregar com rigor as técnicas exigíveis para deduzir-se um certo numero das predições. Ora, astrólogos costumam contradizer-se uns aos outros e é comum alegarem que a interpretação do céu exige inspiração – e não simples cálculo. É a personalização da previsão astrológica. Demais, astrólogo algum poderia ter o privilégio errar sempre.

O canal: dos almanaques ao computador

Desde os primeiros anos deste decênio, uma máquina IBM 360 – instalada em uma grande loja de Nova Iorque – foi programada para fornecer, ao preço módico de cinco dólares, um perfil psico-astrológico de seus consulentes. Além disso, impressa em cartões perfurados mecanográficos IBM vinha uma predição válida para os seis meses seguintes à consulta.

Desta insólita aliança da astrologia com a informática resultou, em Paris, o centro Astroflash, no qual um “ordinastral” fornece suas previsões com base em um retrato astrológico do consulente. Houve, portanto, um *aggiornamento* da astrologia, evoluindo do gabinete do astrólogo e seus mapas

para as mais avançadas técnicas de cálculo eletrônico – e, nas sociedades afluentes, de consumo. O anonimato, a rapidez, o mito da infalibilidade da máquina e a satisfação de falar de si mesmo sem hesitações e com aval científico levam o consulente a introduzir na máquina um cartão perfurado. À saída, a vertigem de um prognóstico tranquilizador resulta em uma impressão de segurança individual e consolo.

No rádio, na TV e nas publicações periódicas de grande tiragem comercial a mensagem dos astros é pressurosamente levada aos que nela acreditam. Pode-se até mesmo falar de uma função social⁷. Há revistas cuja coluna astrológica especializou-se em fornecer indicações para uma descoberta do potencial erótico dos nativos de cada um dos signos. Em uma mal disfarçada operação mercadológica, sugere-se uma essência perfumada para cada signo, bem como vários objetos de uso pessoal que evidenciam a situação astral de seu portador.

Nem sempre o meio é a mensagem.

Algumas conclusões

A astrologia é uma forma de pseudo-racionalidade. Não opera, porém, uma simples ultrapassagem da razão; promove o desenvolvimento incontrastável de uma pseudo-razão subjetiva. Haverá sempre aqueles que renunciam a toda responsabilidade de um projeto de vida pessoal, delegando-a a forças exteriores. São os clientes mais assíduos dos astrólogos. Quanto mais os indivíduos consideram suas vidas como um *fatum*, que os dirige cegamente e se impõe às suas vontades, tanto mais buscarão o seu futuro nos astros, julgando dar à sua existência dignidade e justificação. É fato bem conhecido que o homem moderno se mostra sensível ao irracional, pois crê destruída a sua confiança na força da razão. Além disso, as relações sociais nas sociedades urbanas coagem o indivíduo a submeter-se a novas exigências de organização da vida coletiva. A conquista da individualidade – será o “tema astral” uma forma de introspecção psicológica e de autoconhecimento? – é assim proposta como uma compensação – não como uma meta a ser atingida.

A coluna zodiacal, evidenciando a ausência de um senso de medida, supervaloriza, em sua linguagem persuasiva, a orientação prática de seus conselhos. Proveitos materiais, que eventualmente beneficiam um leitor-consulente, terão assim advindo não de seu espírito de iniciativa ou de seu trabalho, mas de atos de presciência e ajuda de fontes ocultas. O autor da

mensagem astrológica mostra-se aqui tão seguro dos desejos e urgências do público, que emite cheques em branco a serem preenchidos – e sacados em um banco de ilusões – segundo as necessidades emocionais de cada um. Sendo diário, é natural que o horóscopo trate das exigências do dia-a-dia, sugerindo o esquecimento lições do passado. A vontade individual, falsamente estimulada pela euforia do discurso astrológico, é dissuadida de qualquer pretensão de modificar a marcha da fatalidade objetiva, submetendo-se à inelutabilidade dos movimentos astrais.

Permanecem, assim, intocadas as camadas mais profundas e inconscientes do *ego* individual. Todavia, são dirigidas ao leitor-consulente satisfações puramente vicárias, que, no domínio das comunicações de massa, tornam difícil a identificação do que se diz implicitamente – i.é a intenção latente e oculta – com o inconsciente. Desta forma é atingida apenas uma região intermédia da vida psíquica, aparentada ao devaneio e ao passe de mágica, nem liberada, nem reprimida. Se a única medida do horóscopo é o êxito, também aí reside o seu conteúdo onírico manifesto.

A exemplo de setores do saber científico moderno, a astrologia – na sociedade tecnicizada funda seu discurso em um código esotérico. A crença nos fatos, elevada à condição de uma metafísica substitutiva, é a expressão notável da tendência atual de se substituir informações e referências variadas à elucidação intelectual, à síntese crítica e ao conhecimento. A astrologia sensibiliza a todos aqueles que, manifestamente insatisfeitos com as aparências, buscam a essência – mas não querem (ou não podem) fatigar-se intelectualmente.

Questões finais

Th. Adorno (1962)⁸ chamou a astrologia de “superstição de segunda mão”. Observava que os movimentos ocultistas modernos são a revivescência de uma superstição de época desaparecidas. Sua receptividade se mantém por razões sociais e psicológicas, embora seu conteúdo seja hoje incompatível com o nível de ilustração universal.

Isto enseja algumas perguntas.

1. Não residirá justamente no aspecto anacrônico da astrologia o seu grande encanto para as sociedades de massa?
2. Ao invés de uma rigorosa “lógica dos astros” – expressão simbólica de uma permanente indagação humana, em sua perplexidade diante do mun-

do – não seria a astrologia, tal como as práticas mágicas, um complemento de todos os processos que, revestindo-se de interesse vital para o homem, escapam aos seus poucos esforços racionais?

3. Ao dizermos que a astrologia é “pura superstição” costumamos dar a esta designação um sentido pejorativo. Todavia, o latim *superstare* indica uma observação atenta, uma devoção; logo, uma *sobrevivência*.

Ora, não há sociedade humana sem tradições, sem superstições religiosas. Não devemos, portanto, ver na astrologia a dimensão simbólica de uma nostalgia ancestral de ordem no universo?

4. Tradicionalmente, os processos divinatórios fundam-se na simpatia, na correspondência simétrica e na crença em forças *sui generis*. A ciência é, por sua própria natureza, dessacralizante e, em nosso tempo, uma certa intelectualização da fé não mais fornece respostas às emoções do indivíduo. Estará o culto astrológico ocupando o espaço existente entre a prática científica e a religião institucionalizada?

5. Enquanto fenômeno de comunicação de massa, a crença astrológica foi artificialmente estimulada ou a sua veiculação ampliada tem correspondido a uma demanda crescente?

Devemos preocupar-nos antes com as verdadeiras questões do que com as respostas verdadeiras.

Rio, novembro de 1978

Notas

1. “Os astros jamais postulam uma subversão da ordem; influenciam a vida quotidiana no curso da semana, respeitando o estatuto social e os horários patronais” (R. Barthes:166).

2. “Não há qualquer surpresa em constatar-se que sobretudo as mulheres manifestam uma atitude favorável à astrologia, quer se trate de informação (conhecimento de seu próprio signo) e de prática (leitura de horóscopos e investigações sobre os signos de outras pessoas), quer se trate de avaliações (confiança no valor preditivo ou caracteriológico da astrologia e o elevado *status* conferido ao astrólogo)”. (J. Maître:100).

3. “Alguns editores de publicações diárias, que incluem horóscopos, acham que o desejo de encontrar, no jornal uma mensagem pessoal é uma das causas fundamentais do sucesso desta rubrica” (J. Maître: 103).

4. “(...) o horóscopo corresponde às características do mercado jornalístico, pois trata de casos pessoais em categorias – uma necessidade, porque as predições devem ser pertinentes aos leitores e não a um indivíduo isolado – e porque sua base calendária adapta-se à periodicidade da publicação” (J. Maître: 108).

5. “A credulidade tende sempre a desenvolver-se em épocas de calamidade” (Ch. Mackay: 258).

6. “Para atender à demanda de um mercado cativo de 32 milhões de leitores (não contam aí os eventuais) mais de 70 editoras americanas têm no prelo, para lançamento até o final do ano, cerca de 500 títulos de astrologia (...)” (JB/Livro. Rio, 26-8-77).
7. Ela serve para se exorcizar o real, chamando-a pelo seu nome. Desta forma situa-se entre outras iniciativas de semi-alienação (ou semiliberação), cuja finalidade é objetivar o real mas sem chegar a desmistificá-lo” (R. Barthes: 168).
- “Como é grato à auto-estima do ser humano pensar que os astros, em seus cursos celestes, dele se ocupam e, em seus aspectos e movimentos, determinam as alegrias e tristezas que o esperam!” (Ch. Mackay: 281).
8. Segundo o filósofo de Frankfurt, a reiterada obediência a uma autoridade abstrata é uma característica dos movimentos totalitários. A vulnerabilidade dos homens às ideologias totalitárias advém do fato de que estes projetam sua dependência em uma representação que os dispense de toda responsabilidade.

Referências bibliográficas

- ADORNO, Th. Aberglaube aus Zweiter Hand. In: *Werke*. Frankfurt: Europäische Verlagsanstalt, 1952.
- BARTHES, R. Astrologie. In: *Mythologie*. Paris: Editions du Seuil, 1957.
- COUDERC, P. *L'astrologie*. Paris: PUF, 1951. Que Sais-je?, 508.
- CUMONT, F. *Astrology and religion among the Greeks and Romans*. Nova Iorque: Putnam, 1912.
- FLACELIÈRE, R. *Devins et oracles grecs*. Paris: PUF, 1965. Que Sais-je?, 939.
- JAHODA, G. *The Psychology of superstition*. Londres: Penguin Books, 1970.
- MACKAY, Ch. *Extraordinary popular delusions* (1979). Nova Iorque: The Noonday Press, 1970.
- MAÎTRE, J. La consommation d'astrologie dans la société contemporaine. In: *Diogène*. Paris: Gallimard, 53: 92-109, janv./mars 1966.
- SMEDT, E.; BARDET, V. e BRAMLY, S. *La pratique des arts divinatoires*. Paris: Robert Laffont, 1976.
- TIME. *Astrology: fad and phenomenon*. Nova Iorque, 21 de março de 1969.